

para definirmos nossas relações de concórdia em torno do amor a Deus e a prática do bem!

Nossos irmãos seriam convidados a encontros particulares para o dia posterior.

05

Primeiras Entrevistas

“O orgulho vos induz a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes uma comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e aborrece.” Um Espírito protetor. (Bordéus, 1863.)

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo Ix. item 9.

Logo pela manhã, no dia seguinte, solicitamos a presença de Marcondes em nossa sala. Ao chegar, o dirigente cumprimentou-nos:

— Bom dia!

— Como está, Marcondes? – externou o professor com amabilidade.

— Estou confuso e insatisfeito!

— Por qual razão? – indagou o professor. Tem algo a ver com a reunião de ontem?

— Não só por isso. Tenho sido tratado como se algo grave houvesse ocorrido comigo. Medicações, repousos, pouca atividade. De fato, passo por uma zonzeira inexplicável. Os incômodos da doença pela qual desencarnei não cessaram integralmente, mas exigirão tantos cuidados médicos?

— É temporário! Trata-se de adaptação gradativa.

⁽¹⁾ A referida palestra está contida na obra *Seara Bendita* – Editora Dufaux.

— Já são três semanas e nada!
— Têm lhe faltado carinho e atenção por parte de nossos colaboradores?
— Não.
— Então!... Do que se queixar?
— Não queria ser tão paparicado assim, queria mesmo é trabalhar. Quando poderei usar minha experiência doutrinária?
— Qual experiência, Marcondes?
— O senhor tem informações sobre minha bagagem com doutrinação de espíritos?
— Sei que foi muito dedicado.
— Pois saiba que tenho quarenta e cinco anos de vivência! Espero com isso merecer dar continuidade a meus ofícios nesse plano – expressou-se com evidente prepotência.
— O que gostaria de fazer com sua bagagem? – indagou o professor, habituado a utilizar desse expediente devido aos efeitos psicológicos positivos sobre o recém-desencarnado.
— Ingressar nos abismos e conhecer de perto essas criaturas que sempre doutrinei. Poder continuar a libertá-las dessas regiões infelizes.
— Muito nobre seu anseio. Creio, porém, que, antes disso, terá longos estágios.
— Estágios?! Gostaria de partir agora mesmo para os abismos e trabalhar. Afinal de contas, quarenta e cinco anos não são quarenta e cinco dias!
— Marcondes, costumamos usar a simbologia de uma árvore para explicar a questão dos atendimentos aos sofrendores desencarnados. A copa da árvore trata-se dos espíritos tombados pela culpa, comandados pelos exploradores espirituais. Os galhos e o tronco são os hipnotizadores e dominadores de todo porte, organizadores de falanges e grupos do mal. As raízes são a origem da maldade no mundo, os corações endurecidos pela perversidade.

— Lutei com todos eles durante essas décadas!
— Equívoco de sua parte, Marcondes!
— Equívoco? – indagou contrariado.
— Você sequer atingiu a copa da árvore. Nunca esteve com nenhum espírito dos abismos. Pelo menos na doutrinação...
— O senhor deve estar caçoando, Professor Cícero. Não é esse o seu nome?
— Sim, é esse mesmo o meu nome e não estou caçoando, estou afirmando. Você ainda vai conhecer alguém no Hospital que realmente caço – olhamo-nos, o professor e nós, por saber a quem referíamos...
— Com base em que faz essas afirmações? Quem teria autoridade para afirmar isso sobre minha tarefa exercida com amor?
— Seu tutor espiritual.
— Meu tutor?!
— Veja com seus próprios olhos nas anotações contidas aqui nesta ficha de suas tarefas doutrinárias.
O professor passou às mãos do dirigente para que ele mesmo pudesse lê-las.
— Não posso acreditar nisso! – exclamou depois de breve leitura.
— É a pura verdade! Devolva-me a ficha, por favor.
— Que mentor é esse que nem se dignou a se apresentar depois de vários dias por aqui? Qualquer um poderia ter feito essas anotações. Tudo muito estranho para mim... Por que não me lembro do passado? Conforme o que aprendi nos livros, ao largar o corpo, passaria por uma regressão! Quando ocorrerá?
— Você teve. Apenas não se lembra. Sofre de amnésia intermitente.
— Tenho esquecido muitas coisas realmente.
— Será assim por mais alguns dias. Bem, vamos

encerrando nossa entrevista! Nosso tempo esgotou por hoje!

— Mas eu ainda tenho infinitas questões a tratar! Muitas dúvidas. Por que só agora me chamam para uma entrevista?

— Lamento, Marcondes. Nossas entrevistas não excedem a dez minutos. Você será encaminhado à ala específica sob os cuidados de excelente cooperador. Começará amanhã bem cedo. Suas dúvidas devem ser encaminhadas a ele. Tomaremos as providências.

O dirigente não manifestou entusiasmo com nossa atitude. Saiu taciturno e sem despedir-se. Selena, que já aguardava lá fora, entrou sorridente.

— Olá, Ermance! Como vai, professor?

— Vejo que está feliz, Selena!

— Estou começando a gostar desse lugar. Pude sentir, nessa manhã, uma incomparável sensação de liberdade do corpo físico.

— Boa notícia, querida amiga! O nosso irmão Cícero vai conduzir sua primeira entrevista.

— Que alegria poder estar com o senhor! Em Minas Gerais, seu nome é sempre lembrado.

— Felicita-me a lembrança – externou sempre humilde. Quer nos falar sobre sua trajetória espírita?

— Com prazer! Presidi o Centro Espírita Paulo e Estêvão por mais de três décadas com muita devoção. Para falar a verdade, não assumi essa missão por vontade própria. Ninguém queria se empenhar quanto exigia a tarefa.

— Que avaliação tem você de sua participação nesses trinta anos?

— Muito positiva. Realizamos muito. No início, foi bastante tumultuado, até percebermos que nosso problema era a mediunidade. Tomamos algumas medidas corajosas, e o resultado vocês devem conhecer.

— Como você acredita que ficará a instituição agora,

depois de sua passagem?

— O senhor tocou em um ponto que me preocupa. Meu pensamento é assaltado por idéias que desconheço a origem. Sinto-me insegura em relação ao que ocorrerá por lá. Angélica, meu braço direito na tarefa, é uma mulher muito depressiva e temerosa. Certamente será minha substituta na diretoria, no entanto, apesar de tê-la orientado, não sei o que poderá ocorrer.

— Você gostaria de presenciar a reunião de diretoria que ocorrerá dentro de algumas semanas na qual decidirão o futuro do centro?

— Adoraria! Será que suporte? Ainda tenho algumas dores no peito. O senhor sabe... O coração me demitiu da matéria... Será possível, professor, essa alegria?

— E por que não? Sua liberdade mental permite-lhe tal ensejo sem maiores dificuldades. Quanto às dores, creio que haverá tratamento para seu caso.

— Se assim é... não vejo a hora!

— Ficamos então combinados, minha filha. Vamos avisá-la na hora adequada. Tomaremos as providências para a visitação.

— E o movimento espírita, Selena?

— Nem me fale em movimento, professor! Afastei deliberadamente nossa casa das querelas da unificação.

— Por quê?

— Muita falsidade e pouca utilidade. Quando paramos de nos envolver com essas questões administrativas de movimento, nossa casa passou a produzir mais e todos ficamos mais gratificados pelo trabalho.

— Compreendo seus motivos. Teremos tempo para mais detalhes oportunamente.

— Esse assunto não me encanta nem um pouco!

— Quero aproveitar para me desculpar com vocês dois. Ontem fiquei muito chateada com aquela reunião. Como

disse, tenho aversão a esses “espíritas topetudos” que acham que podem controlar tudo. Jamais imaginei que os encontraria depois da morte. Deparei-me com o “tal senhor” – referiu-se a Marcondes – aí fora, e sequer me cumprimentou.

— Essa a razão de nossas discussões, Selena. Rasgar véus significa deixar mais claro aos homens os acontecimentos que cercam a morte. Analisar as lutas que carregamos para cá.

— Tenho me deparado com muitas surpresas neste Hospital. Começo a compreender a razão de notícias detalhadas ao mundo físico sobre a situação dos espíritas depois da morte.

— Muito bem! Por hoje é só. Apresente-se bem cedo, amanhã, em sua nova ala de serviços preparatórios.

— Obrigada, professor. Obrigada, Ermance. Sinto-me muito bem entre vocês!

— A alegria é nossa, minha filha. Jesus a abençoe nos novos passos.

Selena e Marcondes seguiam a trajetória da grande maioria nos serviços de adaptação. Novas e mais profundas experiências os aguardavam. A nova ala de serviços seria-lhes um ponto de partida a vastas novidades e aprendizado.

06

Encontro com Inácio Ferreira

“Os Espíritos que conosco simpatizam atuam em cumprimento de missão?”

“Não raro, desempenham missão temporária; porém, as mais das vezes, são apenas atraídos pela identidade de pensamentos e sentimentos, assim para o bem como para o mal.”

O Livro dos Espíritos, questão 513.

Ambos os dirigentes chegaram na hora prevista, acompanhados dos auxiliares de suas respectivas alas. Ao se avistarem, destacou-se nítida indisposição de Selena em relação a Marcondes. Ambos compartilhariam a tutela do mesmo orientador.

Era um consultório simples e bem-arejado, com largas janelas, das quais se viam exuberantes *flamboyant* nos jardins bem-cuidados do sanatório. Professor Cícero, que aguardava na anti-sala, convidou-os:

— Venham! Quero lhes apresentar o Doutor Inácio Ferreira.

— Aquele de Uberaba? – perguntou Selena espontaneamente.

— É ele mesmo.

— Vejo que temos muitos mineiros no Hospital! – referiu Selena às origens do professor.